

Influências do PIBID na formação inicial: estudo comparativo.

Adriana de Oliveira Gomes* (IC), Paula Cristina Cardoso Mendonça (PQ), Neucilene Carneiro Fernandes (IC).

agoquimica@yahoo.com.br

Universidade Federal de Ouro Preto, Rua Diogo de Vasconcelos, 122, Morro do Cruzeiro, Ouro Preto, MG.

PIBID, experimentação, formação docente.

Introdução

De acordo com 1, o conhecimento químico resulta de uma dialética entre teoria e experimento, pensamento e realidade, em que a abordagem do segmento fenomenológico é crucial para a contextualização do mesmo dentro do desenvolvimento desta própria ciência. Devido à centralidade da experimentação para o aprendizado da Química, analisamos e discutimos a visão de experimentação de licenciandos em Química da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) de dois grupos, 10 bolsistas e 8 não bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de iniciação à docência (PIBID). Selecionamos esses grupos com o intuito de verificar se havia diferença na visão da experimentação e quais fatores influenciaram nisso. A amostra PIBID, contou com o apoio dos coordenadores e supervisores (professores universitários e da educação básica, respectivamente) para discussões iniciais sobre papel da experimentação no Ensino de Ciências e no planejamento de atividades experimentais a serem aplicadas em sala de aula. Com relação ao grupo NÃO-PIBID, estes apenas cursaram as disciplinas 'Prática de Ensino de Química I' e Estágio Supervisionado de Química I e tiveram a oportunidade de vivenciar a prática em sala de aula a partir das atividades a serem cumpridas na disciplina de estágio. Para perceber se havia diferenças entre os grupos, realizamos entrevistas semiestruturadas. Foram criadas categorias para alocar as principais respostas quanto ao papel da experimentação e quais fatores influenciaram nessa visão. Analisamos a coerência das respostas ao longo da entrevista e realizamos consenso entre árbitros².

Resultados e discussão

Na tabela 1 e 2 apresentamos os resultados relativos às visões coerentes e incoerentes sobre a experimentação, respectivamente. Ressaltamos que em ambos casos, o somatório é maior que 100% porque foi expresso mais de um ponto de vista.

Tabela 1. Visões coerentes sobre experimentação dos licenciandos PIBID e NÃO- PIBID.

| Categorias: respostas coerentes | Não PIBID (%) | PIBID (%) |
|--|---------------|-----------|
| Não há dicotomia entre teoria e prática | 12,5 | 70 |
| Favorece a construção de conceitos e a formulação de explicações | 62,5 | 50 |
| Não deve ser apenas verificacional | 25 | 50 |
| Guiada por conhecimentos prévios | 25 | 20 |
| Conduzida como uma investigação | 37,5 | 20 |

Tabela 2. Visões incoerentes sobre experimentação dos licenciandos PIBID e NÃO-PIBID.

| Categorias: respostas incoerentes | Não PIBID (%) | PIBID (%) |
|---|---------------|-----------|
| Visualização da teoria | 75 | 50 |
| Dicotomia teoria e prática | 25 | 10 |
| Experimento de caráter verificacional | 25 | 20 |
| Experimento como forma de entretenimento | 12,5 | 20 |
| A experimentação como "salvação" do Ensino de Química | 25 | 0 |
| Formar mini- cientistas e desenvolver habilidades manuais | 25 | 0 |

Pela tabela 1 constata-se que há maior divergência entre as amostras quanto às categorias 1 e 3. Julgamos que essa diferença é relativa as várias oportunidades que os bolsistas tiveram de planejar e aplicar atividades experimentais investigativas nas escolas, utilizando materiais alternativos e com maior suporte dos coordenadores para relacionar teoria e prática. Com relação aos licenciandos do grupo NÃO-PIBID, não foram verificadas estas mesmas relações, porque eles não tiveram a oportunidade de vivenciar a realização de várias atividades investigativas na escola, não estabelecendo um elo tão significativo entre teoria e prática.

Conclusão

Foi possível constatar que as principais divergências dos licenciandos quanto à experimentação estão relacionadas às oportunidades que os bolsistas PIBID tiveram. Eles puderam planejar e aplicar várias atividades experimentais na escola, que não eram verificacionais e compartimentalizadas e usar materiais alternativos, articulando teoria e prática, com o auxílio constante dos coordenadores. Os licenciandos NÃO-PIBID, embora em alguns momentos cite visões coerentes sobre a experimentação, não conseguiram manter uma coerência na entrevista. Isso evidencia mais uma vez a importância da vivência prática para que os licenciandos não se formem com uma visão ingênua acerca da experimentação, que pode acarretar em abordagens pseudo-construtivistas no ensino.

Agradecimentos

UFOP e FAPEMIG.

¹SILVA, R. R.; MACHADO, P. F. L.; TUNES, E. Experimentar sem medo de errar In SANTOS, W. L. P. E. M., O. A. (Ed.). *Ensino de Química em Foco*. Ijuí: Unijuí, 2010.

² COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. *Research Methods in Education*. 5th. London and New York: Routledge Falmer, 2000. ISBN 0-415-19541-1.